

Tudo Palavra

Tudo em mim vira literatura. Todo eu sou poesia. Pode parecer pretensioso isso dito assim. Não é. É antes um chamado, um jeito de ser, um caminho até mim. Não escrevo por vaidade e sim por necessidade. Há uma força imperiosa em meu ser que me compele a virar palavras – e muito mais não restará de mim, além delas e do amor dado e da felicidade colhida das coisas mais *simples*.

Presente de poeta é poesia. Que de melhor há a oferecer de mim? Minha voz dizendo versos *sem fronteiras*, trazendo alento no palco ou no ar. O que digo e escrevo, em cena ou com a pena, são o meu modo de lutar. Pelejo por mim, por ti, por nós. Acredito em Deus, mas ainda na Humanidade.

Aonde irei senão nas asas das rimas e das linhas? Olha o *avesso* de tudo, com o que ele ensina. Escuta o que dizem as árvores e o que segredam os olhos dos gatos. O que pronuncia nua a lua em seu *livro da insônia*. Nada fica de todo em silêncio. Nenhuma palavra tudo alcança. Não há língua em que o mundo inteiro se traduza.

Confia no *vermelho* pulsar da vida. Abraça quem amas sem mais demora. O tempo é rei, a morte é senhora, mas é a vida, a vida em si que conta, não em cifras, mas – em histórias de vida – o que fomos, somos e seremos. O que narro e o que relatas dizem de tantos de nós!

No ar, um poeta pausa, como um pássaro em um fio. Há quem me ame. Há perdão e paz no horizonte do sempre. Dá-me não apenas tua mão, mas tuas asas, tu que me lês. Vamos juntos – em *todos os sentidos*!

Juntos, sempre juntos, todos juntos, porque a existência se conjuga no *plural*. *A casa do tempo* abriga a todos. *Agora: sempre*.

BELTRÃO, Henrique. **Agora: Sempre**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2023.